

Projeto Conhecimento

Entre Colunas

JULHO DE 2024 - ANO II - Nº 005

O QUE É HERMETISMO?

AINDA NESTA EDIÇÃO:

MAÇONARIA
e a filosofia
PITAGÓRICA



QUINTINO
meu nome histórico é ...
BOCAIUVA

e mais:

- A PARÁBOLA DA BICICLETA • O DONO DA LOJA • O RITO ADONHIRAMITA • O QUE SOMOS E O QUE DESEJAMOS • MAÇONARIA, UM MAR REVOLTO • OS SEGREDOS VELADOS PELO N°3 NO GRAU DE APRENDIZ • LANÇAMENTO DO LIVRO - ESTUDOS MAÇÔNICOS I

EDITORIAL

Meus Amados Irmãos!

Começamos desejando a todos uma excelente leitura desta edição especial, onde completamos um ano de dedicação a este projeto, sonhado e realizado por irmãos e feito a várias mãos.

Há um ano, alguns irmãos da loja FANOEL e outros convidados tornaram esse projeto realidade, em comemoração aos 40 anos da loja, hoje recebemos contribuição de irmãos de fora do Estado mostrando que veio para ficar e para sanar uma demanda reprimida há anos. Podemos dizer que não se trata mais de projeto de uma loja mas sim de um produto resultado do trabalho árduo de vários irmãos que sonharam com essa renovação, nessa busca por novos direcionamentos.

O sonho de renovação, o desejo de criar, de inovar, de renovar ideias, a busca por novos horizontes e a possibilidade de trocar conhecimentos entre maçons de diversos ritos, são os fatores primordiais para criação e manutenção dessa revista.

Um grupo de irmãos comprometidos em estudar assuntos pertinentes à Maçonaria compõem esta criação, nesse sentido apresentar artigos nessa revista é a forma encontrada de alimentar sonhos de quem pensa a leitura e a escrita como arte de comunicar, motivar, desafiar e movimentar a quem se preocupa em contribuir com a educação maçônica.

É com esse espírito desafiador, com a vontade de ir cada vez mais longe que a **Revista/Projeto Conhecimento Entre Colunas** comemora seu primeiro aniversário, apresentando seus colaboradores e autores com textos de diferentes temáticas, abrindo portas para novos desafios e possibilidades de expansão.

E assim, acreditamos que está entre colunas é a oportunidade de trocar conhecimentos de diversas ordens e contribuir com o engrandecimento da Maçonaria de Belém. Parabéns aos leitores, colaboradores, patrocinadores e a todos que compõem o ideal solidário e fraterno de contribuir com o conhecimento.

Mas, queremos comemorar outros anos de vida e precisamos da ajuda de todos, de qualquer ponto do Brasil e do mundo, encaminhando textos, patrocinando edições, contribuindo com ideias, haja vista que o conteúdo até aqui apresentado tem chegado em diversos pontos do Estado e queremos ir mais longe, pois acreditamos que **Entre Colunas** cabem muitos sonhos.

Mário Nascimento e Fábio Neves

EXPEDIENTE

Editor: Ir.: Fábio C. de O. Neves
Tel: (91) 98831-8131
E-mail: projetoconhecimento.fanoel@gmail.com

Redação: Ir.: Dhyego Alessandro Costa
Tel: (91) 99172-5011

As opiniões expressas pelos autores nos artigos individuais não representam a orientação e pensamento da direção da Revista, muito menos da loja FANOEL.

Para qualquer informação, escreva para projetoconhecimento.fanoel@gmail.com ou entre em contato com a redação.

Para o mesmo endereço de e-mail, é possível enviar suas contribuições exclusivamente em formato Word.

Agradecemos a todos os irmãos que contribuíram com o conteúdo da revista com seu trabalho nesta edição.

ÍNDICE

CAPA – O QUE É HERMETIRMO?.....	02
CAPA – MAÇONARIA E FILOSOFIA PITAGÓRICA – O Nº 1	04
O DONO DA LOJA.....	05
OS SEGREDOS VELADOS PELO Nº 3 NO GR.: DE A.:M.:	07
A PARÁBOLA DA BICICLETA.....	09
O QUE SOMOS E O QUE DESEJAMOS.....	11
MAÇONARIA, UM MAR REVOLTO.....	12
O RITO ADONHIRAMITA.....	13
MEU NOME HISTÓRICO: QUINTINO BOCAIUVA.....	15
LANÇAMENTO DO LIVRO – ESTUDOS MAÇÔNICOS I	17
A DUALIDADE DA VIDA REPRESENTADA ATRAVÉS DA SIMBOLOGIA MAÇÔNICA NO RITO ADONHIRAMITA.....	18
OS AUTORES.....	19

A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837



O QUE É HERMETISMO?

por: Fábio Costa de Oliveira Neves

Antes de adentrarmos propriamente no Hermetismo, nos cabe entender que sua definição etimológica nos diz que é o estudo do que é hermético que por sua vez vem do latim medieval *hermeticus*, que é derivado do Deus Grego Hermes.

Então vamos começar falando de Hermes, na antiguidade, a humanidade desenvolveu uma incrível cultura mística, transmitida a alguns escolhidos através de complexos rituais de iniciação. Esse conhecimento místico era preservado no Egito por meio dos Mistérios de Ísis e Osiris, e na Grécia, pelos Mistérios de Eleusis e Dionísio. Muito do conhecimento dessas iniciações foi preservado na Maçonaria. Segundo Rizzardo da Caminho, “quando surge a expressão ‘mistérios’, podemos ter a certeza de que estamos num caminho que nos conduz a algo próximo da Maçonaria”. Muitas das grandes mentes daquela época, como o filósofo Pitágoras, foram iniciadas em uma ou mais dessas escolas de sabedoria. Foram pessoas especiais em seu tempo. Quase nada, porém, resta de puro desse conhecimento. As iniciações, feitas através da tradição oral, se perderam ou foram corrompidas ao longo dos séculos. Apenas alguns fragmentos do conhecimento chegaram até nós.

Entre essas poucas peças de um quebra-cabeça esquecido, estão os Preceitos Herméticos, reunidos no livro chamado *O Caibalion* – leitura básica para qualquer maçom.

Os ensinamentos do *Caibalion* são atribuídos a Hermes Trimegistro, o “Três Vezes Grande”. Segundo o escritor americano Richard Smoley, citando no seu artigo *Hermes e a Alquimia* (in *Esoterismo e Magia*, org. Jay Kinney, Editora Pensamento, São Paulo) o mago renascentista Marsílio Ficino, Hermes era chamado de “Trimegistro, ou Três Vezes

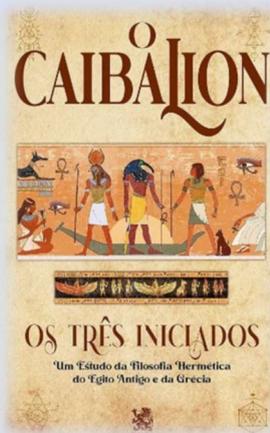
Grande, porque foi o maior dos filósofos, o maior dos sacerdotes e o maior dos reis”. Onde e quando ele viveu, se foi lenda ou homem, provavelmente nunca saberemos. Mas Hermes aparece em várias tradições antigas. Entre os gregos, é o inventivo deus Hermes, e, entre os egípcios, é Thot. É também o Idris islâmico e o Enoc bíblico.

Considerado em seu tempo o mensageiro dos deuses, Thot teria dado a seu povo os preceitos da civilização, com suas ciências e cultura. Também teria sido Hermes quem implantou a oculta tradição sagrada, seus rituais e os próprios Mistérios de Ísis e Osiris. Os gregos afirmam que ele legou 42 livros sagrados, entre os quais o Livro dos Mortos do Antigo Egito, Hermes também teria fundado escolas de sabedoria anexas aos santuários, onde os sacerdotes ensinavam medicina, astronomia, astrologia, botânica, agricultura, geologia, ciências naturais, matemática, música, arquitetura, escultura e pintura. Hermes seria, assim, um verdadeiro civilizador.



Figura Ilustração do Deus Grego Hermes

Mas o que é o hermetismo e o que ele tem a ver com a Maçonaria, além da relação com os “Mistérios” da Antiguidade? O deus grego Hermes tem como atributos a mobilidade e a mutabilidade, isto é, o ecletismo, a comunicação, a inspiração e a capacidade conciliadora. É o deus da transmutação e da mudança. Por conta disso, o hermetismo acabou derivando a alquimia, que buscava transmutar chumbo em ouro. No entanto, o sentido do hermetismo é mais profundo. Trata-se de transformar tudo o que é grosseiro em algo sutil. Assim, seu sentido maior é transformar não metais, mas o homem, ou, conforme Peter French definiu essa tradição em seu livro *John Dee* (ark Paperbaks, Londres), “o homem deve conhecer a si mesmo e recuperar a sua essência divina, unindo-se com a mente divina”. E é isso que a Maçonaria busca. Segundo o escritor Rizzardo da Camino, a fraternidade “busca a valorização natural do homem, para que ele possa, descobrindo suas



CHRISTUS
corretora de seguros
Desde 1993 protegendo suas conquistas

91-98335-5453
91-98123-0366

seguroschristus@yahoo.com.br

91-3222-6654 / 3241-2986

potencialidades, realizar-se e ser feliz”, E para “descobrir-se”, é preciso conhecer a si mesmo, ou como colocada Camino, “o homem, o eterno desconhecido, para ser feliz, precisa conhecer a si mesmo”. Esse princípio estava gravado no Oráculo de Apolo, em Delfos, como o preceito primordial para se atingir os “Mistérios” da existência: “conhece-te a ti mesmo”. A partir desse autoconhecimento, o indivíduo se refina e torna-se mais “sutil”, capaz de se unir com a mente divina.

A Ciência Hermética

Os principais fundamentos desta ciência foram registrados no livro *O Caibalion*. O texto expõe de maneira clara e sintética conhecimentos que, de outra forma, fariam jus ao adjetivo “hermético”. Embora discorram sobre os sete princípios da filosofia hermética, não se pode analisa-los isoladamente. Os sete fundamentos se combinam e se complementam, formando uma unidade indissolúvel.

O primeiro princípio hermético decerto no *Caibalion* é o do Mentalismo: “tudo é mente”. De acordo com esse princípio, todo o mundo fenomenal é simplesmente uma criação mental do Todo.

O segundo é o princípio da correspondência, resumindo na máxima alquímica “o que está em cima é como o que está em baixo, e o que está em baixo é como o que está em cima”. A interpretação dada pela Igreja de Roma ao Princípio da Correspondência era a de um culto satânico: “o que está em baixo”, isto é o Diabo, “é como o que está em cima”, ou seja, Deus. Na verdade, o que este princípio expressa é que tudo emana da mesma fonte.



O princípio da vibração, o terceiro deles, assinala que “nada está parado, tudo se move, tudo vibra”, atestando que aquilo que entendemos como matéria, energia, mente e espírito, nada mais é do que diferentes formas de vibração. A ciência já comprovou a verdade por trás desse princípio. Em seu livro *Hado – Mensagens Ocultas na Água* (Editora Cultrix, São Paulo, 2006), Masaru Emoto cita um artigo de Warren J. Hamerman publicado em 1989 na revista *21st Century Science and Technology*. Nesse texto, Hamerman explica que “a matéria orgânica da qual os seres humanos são formados gera uma frequência que pode ser representada pelo som de

aproximadamente 42 oitavas acima do *dó* central do piano”. O padrão do *dó* central é cerca de 262 Hz, isso significa que essa nota vibra 262 vezes em 1 segundo. Com base nessa afirmação, Emoto calculou que os seres humanos vibram 570 trilhões de vezes por segundo.

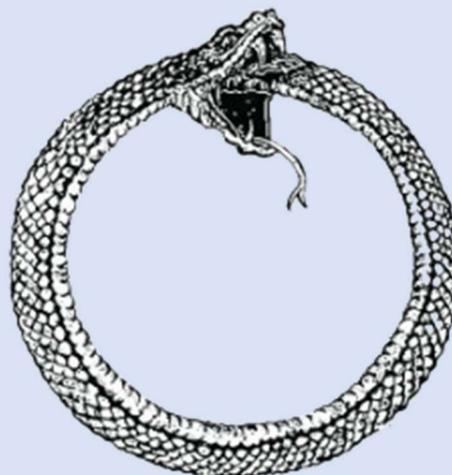


Figura Ilustrativa do símbolo Ouroboros (existem outras)

O quarto princípio hermético é o da Polaridade: “tudo é duplo, tudo tem dois polos, tudo tem seu oposto. O igual e o desigual são a mesma coisa, os opostos são idênticos em natureza, mas diferentes em graus, Os extremos se tocam. Todas as verdades são meias-verdades. Todos os paradoxos podem ser reconciliados”. Qualquer semelhança com o símbolo Ouroboros não é, portanto, mera coincidência.

O ritmo é o quinto princípio hermético: “tudo tem fluxo e refluxo, tudo tem suas marés, tudo sobe e desce. Tudo se manifesta por oscilações compensadas; a medida do movimento à direita é a medida do movimento à esquerda, o ritmo é a compensação”.

O sexto princípio é o da Causa e Efeito. “A Grande Lei está presente em tudo: nada é por acaso”. Finalmente, o sétimo encerra a verdade do gênero. Ele atesta que o gênero não é característica apenas do plano físico, mas se manifesta também nos planos mental e espiritual. “Todas as coisas machos têm também o elemento feminino, todas as coisas fêmeas têm o elemento masculino”, afirma o *Caibalion*. Somados e aprofundados, os princípios herméticos permitiram ao estudante de ocultismo transmutar a mente: a razão da nossa evolução.

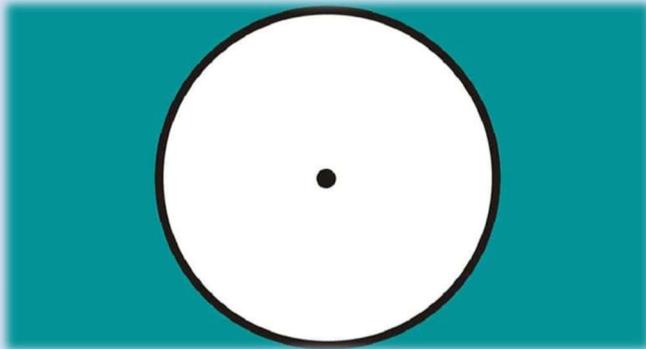
CHRISTUS
corretora de seguros
Desde 1993 protegendo suas conquistas

91-98335-5453
91-98123-0366

seguroschristus@yahoo.com.br

91-3222-6654 / 3241-2986

Adaptado do Ir Rui Barbosa



A imagem acima era chamada pelos gregos de nômade, palavra que deriva de monas, singularidade. Em geometria, o círculo é a origem de todas as formas subsequentes. É, pois, o princípio. Os filósofos matemáticos da Antiguidade grega referiam-se à nômade, ao círculo, como O Primeiro, a Semente, a Essência, a Unidade.

Para os pitagóricos, a Unidade, o Um, era representado pela nômade, pelo círculo. Para eles, nada existia sem um centro, em torno do qual gira, sendo o centro a fonte, a origem, que está para lá de todo o entendimento, que é incompreensível. Em bom rigor, o ponto não existe, não é visível, é uma abstração, mesmo geométrica: o “ponto” que vemos no centro da imagem é um conjunto de muitos verdadeiros pontos, reunidos de forma a criar uma imagem que pode ser apreendida pela nossa visão, um “maxi-ponto”, que tomamos por símbolo do vero ponto representado.

Mas, tal como uma semente, o centro, o ponto central, expande-se e realiza-se como um círculo.

A nômade, a singularidade, representa assim o UM, a origem de tudo, o ponto de onde tudo nasce e que, expandindo-se em círculo, é a origem de todas as formas subsequentes – ou seja, o Princípio dos princípios, o que tudo cria: o Criador!

Qualquer número multiplicado ou dividido por um, fica igual a si próprio. A nômade, o Um, a Origem, preserva a identidade de todos e de tudo (para os pitagóricos, os números são a expressão e essência de tudo o que existe).

Por sua vez, um multiplicado por um dá sempre um. O Um é Único e Singular. Sendo assim, e uma vez que Um é o princípio que tudo origina, como é que Um se torna muitos? Por hora, nos reservamos a noção de que o Um é o princípio criador, a Origem e é representado por um ponto que se expande num círculo.

Este é um resumo da filosofia pitagórica em relação ao Um. Vejamos agora o que ensina a Tradição maçônica quanto ao Um.

No Rito Escocês Antigo e Aceito, cedo o maçom aprende que os mistérios dos três primeiros números são as analogias que decorrem das propriedades metafísicas dos números (Pitágoras ou um qualquer seu discípulo não diria, talvez, diferentemente...). O número UM é uno, porque foi criado pelo Deus único. O número UM não tem limites.

Nos rito de York, o símbolo do “ponto no círculo” (point within a circle) é diferente, sendo o círculo enquadrado por duas retas paralelas.

A interpretação externa ou exotérica deste símbolo decompõem-no nos seus elementos: o ponto representa o indivíduo maçom, o círculo simboliza a linha delimitadora do seu dever perante Deus e o Homem, para lá da qual não deve permitir que as suas paixões, preconceitos e interesses o arrastem e as tangentes paralelas referem-se aos dois S. João patronos da Maçonaria: S. João Batista e S. João Evangelista, no interior de cujos ensinamentos o círculo delimitador da conduta do maçom se deve manter. Esta interpretação é claramente tributária da religião cristã e do teísmo presente, quase em exclusivo, nos primórdios da Maçonaria Especulativa.

A interpretação esotérica do símbolo declara provir ele da mais remota Antiguidade. Mackey, após uma longa introdução sobre a essência do culto da divindade em várias regiões do Mundo Antigo, conclui que o símbolo respeita à característica hermafrodita, isto é, contendo em si o masculino e o feminino, da Divindade, representando o ponto o Sol (força masculina) e o círculo o Universo (força feminina), fertilizado pelos raios do Astro-Rei. As linhas paralelas são os solstícios, que delimitam o percurso aparente do Sol ao longo do ano.

A interpretação maçônica do Um e do respetivo símbolo gráfico representativo constitui, a meu ver, uma corruptela do ensinamento pitagórico. A filosofia pitagórica, transmitida oralmente e em círculos fechados e restritos ao longo de milhares de anos, atravessando os tempos da pujança das divindades romanas, do declínio do Império Romano, do subsequente barbarismo, das trevas da Idade Média, acolhida por rudes construtores, desembocou no século XVIII com significativas alterações. Mas o princípio básico está lá: o UM é, ou representa, ou simboliza (consoante as conceções) o Criador, o Princípio Criador do Universo, a Origem, a Essência de tudo.

O DONO LOJA

por: Zildo Pacheco de Ávila

Incrível chegarmos a fazer esse comentário aqui mas não foram raras as vezes em que ouvi essa expressão, um tanto insólita, **o dono da loja**, e com esta alcunha são classificados aqueles irmãos eternos oficiais que ficam prolatando que na próxima administração “eu serei isso, eu serei aquilo....”, mesmo antes de qualquer evento eleitoral e especulações sobre as próximas administrações, ele sempre se antecipa. Essas pessoas assim são consideradas donos das lojas.



Isto acontece, não sei se pelo desejo de se manter no ápice da pirâmide, ou pelo medo de ser considerado um regozijado do grupo por não ter uma função de destaque em loja.

Os irmãos precisam se aperceber que ser um oficial não é uma benemerência portanto não é uma honraria, as escolhas levam em conta as qualificações necessárias para exercer cada função e ajustadas de acordo com o efetivo e leque de opções entre os irmãos.

Mas vale lembrar que ninguém nasce sabendo, e que o ideal é aprender fazendo, não é possível polir uma pedra só ouvindo como fazer, sem praticar. Sem isso não será possível enfrentar as agruras relativas a cada posto.

Por isso defendo que um oficial seja uma vez só escolhido em cada função, pois uma loja é uma escola. Há irmãos ainda muito pouco trabalhados pelo cinzel que se julgam os donos da loja inclusive fazendo auto apologia a seus feitos, muitos deles fora da ordem. Isto gera um desgosto entre os irmãos.

Há irmãos que ficam por determinado tempo “adormecidos” dizendo que suas lojas tinham donos e cujos cargos eram decididos por eles e sempre eram preteridos em prol dos afilhados, mesmo tendo qualificações melhores.

A esses irmãos eu digo, mais do que nunca é importante que permaneçam na loja e com argumentos sólidos mudar os procedimentos e o rumo dos trabalhos. Não fujam da luta e não abandonem seus irmãos.

Já dizia Ghandi – “Se quer mudar o mundo, comece por você mesmo”, pois mudanças fazem bem em especial

internamente. Mas que fique claro que a “vitória” e a mudança não podem formar novos donos da loja.

Volto a dizer, ser um oficial de uma loja não é uma necessidade dele permanecer indefinidamente, só acaso ele não tenha aprendido, a loja é como uma escola, está ali para ensinar e não para ilumina-lo, não para torna-lo importantíssima. Uma vez aprendido a função, dê oportunidade a outro!

A expressão dono vem do latim *dominium*, que já diz quase tudo, usado para indicar a posse material de algo, mas também refere-se a atitude arrogante e controladora sobre ambientes e situações, o famoso dono da verdade.

Precisamos tomar cuidado, pois este pode ser o indivíduo desarmonizador se nós acharmos também que ele é o dono e sabe tudo. A loja é uma entidade imaterial, tanto que os irmãos se reúnem para formar a loja e ao fecharem-na ela se dispersa. Mas é essa reunião de irmãos que dá vigor ao grupo e traz a motivação e lhe dá vida, portanto é nesse momento que não podemos aceitar líderes incontestáveis, tudo deve ser resolvido com a maior serenidade tanto que se um determinado assunto for levado para votação, a maioria é quem determina e a minoria deve acatar a decisão pois em isto não acontecendo não tardará o clima e formação de grupinhos.

Esses grupinhos em loja é um veneno para a existência de qualquer instituição e a maçonaria não pode se dividir.

Quando frequentamos com assiduidade nossa loja é possível conhecer o mosaico comportamental que nela reside entendendo a imperiosidade do exercício da tolerância mas somente se frequentarmos o grupo com assiduidade porque visitas esporádicas não nos darão essa visão de quem realmente luta para harmonia da loja.

Muitos portadores de insatisfações angustiantes não buscam frequentar sempre sua loja e assim compram de pronto estereótipos comportamentais vendidos nos bastidores a preços módicos e como parece justificar os seus anseios e estes bate-papos que parecem inocentes não são suficientes para estabelecermos parâmetros e conjecturas muito menos ilações de quem é uma pedra polida e quem é uma pedra bruta.

As notícias que correm pelas bocas e ouvidos nos encontros informais, tal como ensinam as peneiras da sabedoria, deveriam parar logo no primeiro crivo.

Espero ter-lhes dito que esses tais donos da loja só se criam quando nós aceitamos seus pontos de vistas como pedreiros irretocáveis, eles não são pedreiros irretocáveis, isto será a raiz para que eles cresçam e com o tempo venham a nos molestar.

Meus irmãos eu lamento falar desse assunto mas é necessário, não se pode esconder para debaixo do tapete.

OS SEGREDOS VELADOS PELO Nº 3 NO GR.: DE A.: M.:

por: Álex Mendonça Paiva Antonio José

Uma vez iniciado, ao conhecer os segredos do primeiro grau, percebe-se que ali há uma forte presença - quase que hegemônica - do número 3 em relação aos outros números. Provavelmente, isso despertará uma forte curiosidade no Ir.: recém iniciado, a qual, tal como ocorreu comigo, pode converter-se em um fascinante tema para estudos vindouros.



De imediato, observa-se nitidamente as sucessivas referências ao número 3 no cobridor do grau de A.:M.:, a exemplo do toq.:, da marc.:, da bat.:, da aclam.:, do apl.:, do trip.: fraternal abraço e da idad.: do A.:. De forma alguma pretende-se aqui esgotar as inúmeras referências a esse número na loja de Ap.:, contudo, ressalta-se ainda que ele se faz presente também no contexto das trilogias que sustentam o ideal maçônico, a saber: Liberdade, Fraternidade e Igualdade; Saúde, Força e União (S.: F.: U.:); Paz, Harmonia e Concórdia; Sabedoria, Força e Beleza (S.: S.: S.:); Bem pensar, Bem dizer e Bem fazer; Fé, Esperança e Caridade, entre outras. Diante desses diversos exemplos, entende-se de fato que o número 3 foi escolhido para representar de forma numérica o grau de A.:M.:, e, portanto, o presente trabalho terá como escopo a investigação do simbolismo esotérico desse número no primeiro grau simbólico da Maçonaria.

Desse modo, verifica-se prontamente que o número 3 resulta da soma da Unidade com a Dualidade. Isso significa que um terceiro elemento deve ser juntado aos outros dois precedentes para que a Vontade Suprema, expressa anteriormente apenas pela sua manifestação, materialize-se de modo que haja o aparecimento da “forma”. Essa ideia é perfeitamente demonstrada pela geometria euclidiana, na qual o 1 representa um ponto, e este é dito adimensional, ou seja, quase que imaterial, já o número dois representa a formação de retas, as quais denotam a movimentação de um ponto

sobre um eixo, mas que nem o ponto e nem a reta em si tem a capacidade para comunicar uma forma real.

Para isso, faz-se necessário a adição de um terceiro elemento, o equilíbrio entre os opostos, o qual será responsável pela aparição da primeira forma superficial perfeitamente compreensível e verificável, o triângulo. Aqui, praticando-se a meditação, pode-se visualizar o fenômeno da transformação do imaterial, do informe, para o aspecto material, com forma concreta. Isto posto, constituído pelos contrários e pela unidade perfeita, o número 3 se tornou então um novo marco unitário para medir a vida, o que existe por si próprio, e do que é considerado perfeito no plano material.

Nesse momento, depara-se com um símbolo capital e de transcendental importância para a Maçonaria, afinal o triângulo é o fulcro em torno do qual gira toda a sua simbologia, tendo em vista que o Delta Luminoso é o símbolo que ocupa o lugar de maior destaque dentro de uma loja maçônica estando posicionado acima do trono de Salomão, lugar onde o V.:M.: tem assento para conduzir os trabalhos em uma oficina de forma just.: e perf.:

Deve-se frisar que não é apenas na Maçonaria que o simbolismo do triângulo é cultuado. Este está igualmente presente em várias religiões e formas civilizatórias, a exemplo do Cristianismo (Trindade Santa – Pai, Filho e Espírito Santo), do Hinduísmo (Trimurte – Brahma, Vishnu e Shiva), do Zoroastrismo (Triade - Mitra, Ormuz e Arimã), dos Egípcios (Triade – Osiris, Ísis e Hórus), dos Gregos (Zeus, Poseidon e Adonis), dos Romanos (Júpiter, Netuno e Plutão), dos Fenícios (Ulomus, Ulosurus e Eliun), dos Germânicos (Wodan, Thor, Fricco), dos Celtas (Criosan, Biosena e Seeva) e até dos povos Tupi-Guarani (Guaraci, Rudá e Jaci).

Nesse sentido, pode-se afirmar que o número três foi considerado entre todas as nações pagãs como o principal dos números místicos, afinal reconhecia-se que ele ocultava segredos bastante profundos, tais como assinalou perspicazmente Pitágoras: “Todas as coisas são três, e três vezes é tudo, e vamos usar esse número na adoração dos deuses, pois, como dizem os pitagóricos, tudo e todas as coisas são limitadas por três, o início, o meio e o fim têm este número em tudo, e este compõe o número da trindade”. Com isso, nota-se que ele designa alguns dos atributos de Deus que quase todas as civilizações antigas conseguiram reconhecer, simbolizando as suas supremas divindades, os deuses dos deuses, sempre por um Triângulo Sagrado. Ademais, assim como o homem (a unidade masculina - 1) e a mulher (a ambiguidade feminina - 2) têm o potencial de criar uma terceira pessoa, o número 3 representa a frutificação,

sendo, portanto, mesmo princípio rege a Lei de Três, doutrina que determina que, para existirem, todas as coisas necessitam de três forças: a ativa, a passiva e a neutralizante. Essa terceira força, fruto das outras duas, é a criadora. A título exemplificativo pode-se citar que o futuro (criação) é fruto do passado (certeza única) com o viver presente (incerteza dual).

A priscas eras, os homens atribuíam à Divindade três poderes ou atributos básicos, os quais, dentro da tradição esotérica oriental, são chamados de *Logos*. Não apenas para os monges tibetanos, os verdadeiros guardiões da tradição esotérica, mas em todas as civilizações que carregaram consigo povos que tiveram uma formação iniciática, o Sol – símbolo do brilho central espiritual – foi cultuado como o *Primeiro Logos*, pois nele radica a Vontade do Sistema (aspecto subjetivo), que, por sua vez, é a Lei na aplicação objetiva (Vontade Suprema).

No Éter, ou Substância, ou Espaço Cósmico - a partir do qual os planetas seriam “cristalizações” - imperaria o símbolo do *Segundo Logos*, o qual é Amor no aspecto subjetivo e Energia-Vida em seu aspecto objetivo. Por último, não menos importante, tem-se uma capa de tipo eletrônica, a qual se assemelha a um ovo, que é chamada de Anel Intransponível. Esta membrana cósmica, que tem por finalidade separar o éter cósmico do éter solar, é o símbolo do *Terceiro Logos*, o qual é forma no seu aspecto subjetivo e inteligência em seu aspecto objetivo.

Uma vez adquirida essa consciência logótica, percebe-se que a manifestação só ganha forma quando esta passa pelo crivo do *Tríplice-Logos*, que pode ser sintetizado aqui como o número 3. Esse ensinamento não é, de forma alguma, paralelo à tradição maçônica, visto que na 2ª Instrução do nosso Ritual de A.:M.: esses três atributos da Divindade são conferidos aos três pilares simbólicos da loja: Sabedoria (Coluna Jônica); Força (Coluna Dórica) e Beleza (Coluna Coríntia), os quais são simbolizados respectivamente pelo V.:M.:, pelo 1º Vig.: e pelo 2º Vig.:, as três luzes que dirigem uma loja maçônica. Além disso, é pertinente fazer alusão as Três Grandes Luzes da Maçonaria, paramentos sem os quais uma Loja Maçônica não poderá abrir os trabalhos, dessa forma, o L.: da L.: seria a Vontade Suprema, o Comp.: a Justiça, e o Esq.: a Retidão Moral.



À luz de tudo o que foi exposto, pode-se concluir que o número 3, geometricamente representado pelo triângulo, guarda em seu simbolismo o verdadeiro ideal maçônico. Afinal, além de todo o conhecimento esotérico que ele nos revela, ele suscita 3 perguntas essências que todo o maçom deve ter consigo desde o dia em que foi iniciado, são elas: a) quais são os deveres do homem para com Deus?; b) quais são os deveres do homem para com a humanidade?; c) quais são os deveres do homem para consigo mesmo?

Essas três perguntas podem ser comparadas aos três lados do triângulo, pois as concepções de Deus, Semelhantes e Eu são as componentes que constituem a Unidade Universal, a qual só poderá ser alcançada quando os anseios do Eu se harmonizarem com os anseios dos Semelhantes e vibrarem em consonância com os anseios de Deus. No instante em que esse sublime momento chegar, poder-se-á dizer que Grande Obra (*Magnum opus*) foi finalmente concluída, e, então, todos nós seremos reincorporados à Unidade.

“A fim de que todos sejam um, assim como tu, Pai, estás em mim e eu em ti, para que também eles estejam em nós e o mundo creia que tu me enviaste. Dei-lhes a glória que me deste, para que sejam um, como nós somos um: eu neles e tu em mim, para que sejam perfeitos na unidade e o mundo reconheça que me enviaste e os amaste, como amaste a mim.”

João XVII, 21-23

A PARÁBOLA DA BICICLETA

por: Rafael Murta Filho

Prelúdio

Rituais

Os rituais têm sido parte integrante da experiência humana por milênios, desde as primeiras sociedades tribais até as civilizações modernas. Os rituais são cerimônias formais ou práticas estabelecidas que têm significado simbólico e são realizadas por indivíduos ou grupos em situações específicas.

Os rituais podem ter muitas finalidades, desde marcar eventos importantes, como nascimentos e casamentos, até ajudar a curar enfermidades ou estabelecer conexões com o divino. Eles podem ser realizados em particular ou em grupo, em locais sagrados ou em espaços mais mundanos.

A origem dos rituais é incerta, mas acredita-se que tenham se originado em práticas animistas e xamânicas de povos antigos. Essas práticas envolviam a crença em forças espirituais ou sobrenaturais que governavam a vida e a morte, e o uso de rituais para se comunicar com essas forças.

À medida que as sociedades se tornaram mais complexas, os rituais se desenvolveram em instituições religiosas organizadas e em práticas culturais mais amplas. As religiões organizadas utilizam rituais para comunicar ensinamentos, ensinar moralidade, estabelecer conexões com o divino e fornecer um senso de comunidade e pertencimento.

Os rituais também desempenharam um papel importante em muitas culturas em momentos de transição, como a passagem da infância para a idade adulta, a morte e a transformação social.

Por exemplo, muitas culturas têm rituais de iniciação que marcam a transição para a idade adulta, enquanto outras têm rituais funerários que ajudam as pessoas a lidar com a perda de um ente querido.

Hoje em dia, os rituais continuam a desempenhar um papel importante em muitas culturas, embora o seu significado e a forma como são realizados possam ter mudado com o tempo. Eles podem fornecer um senso de conexão com o passado, ajudar as pessoas a lidar com mudanças ou desafios na vida e ajudar a construir uma comunidade mais forte e unida.

Manual

A história de como utilizar um manual remonta à época em que os primeiros manuais foram criados. Naquela época, o acesso à informação era limitado, e as pessoas não estavam acostumadas a usar manuais para aprender algo novo. Por isso, os autores de manuais tiveram que ser criativos na forma de apresentar as informações.

Inicialmente, os manuais eram muitas vezes escritos em linguagem técnica ou com terminologia difícil de entender para pessoas comuns. Isso tornava difícil para os leitores aprenderem e utilizarem as informações do manual.

Com o tempo, os autores de manuais começaram a escrever de forma mais clara e concisa, utilizando uma linguagem simples e direta, com exemplos práticos e ilustrações. Eles também organizaram as informações em seções e capítulos, facilitando a localização das informações.

Além disso, o uso de manuais foi incentivado por instituições governamentais e empresas que reconheceram a importância de instruir as pessoas a como usar seus produtos de forma segura e eficiente. A partir daí, os manuais se tornaram cada vez mais comuns e foram criados para uma variedade de produtos, desde eletrodomésticos até equipamentos complexos.

Hoje em dia, a maioria dos manuais é impressa em papel ou disponibilizada online e contém informações sobre o uso correto, manutenção e reparo de um produto. Eles são escritos em uma linguagem fácil de entender e geralmente apresentam ilustrações e imagens para ajudar os usuários a entenderem melhor as informações.

Em suma, a história de como utilizar um manual envolve uma evolução constante na forma como as informações são apresentadas, tornando mais fácil para as pessoas aprenderem e aplicarem as respectivas informações.

Manual da bicicleta

Há muitas histórias interessantes sobre o manual da bicicleta, mas uma das mais notáveis é sobre a origem do primeiro manual de instruções para bicicletas.

Em 1895, um ciclista chamado F.T. Bidlake, de Londres, publicou um livretinho chamado "The Art of Cycling" (A Arte de Pedalar), que incluía uma seção sobre como andar de bicicleta com segurança.

Bidlake era um ávido ciclista que viajou por toda a Inglaterra em sua bicicleta e sentiu a necessidade de compartilhar suas dicas e truques com outros entusiastas do ciclismo. No entanto, foi o francês Charles Terront quem escreveu o primeiro manual de instruções completo para bicicletas. Terront foi um dos ciclistas mais famosos de sua época, tendo ganhado a primeira corrida de longa distância de bicicleta, de Paris a Brest, em 1891.

Em 1892, Terront publicou um livro chamado "La bicyclette pratique" (A bicicleta prática), que incluía instruções detalhadas sobre como andar de bicicleta, reparar a bicicleta e cuidar dela. O livro também incluía uma seção sobre as regras de trânsito para ciclistas, que eram bastante diferentes das regras de trânsito para carruagens e cavalos na época.

O manual de Terront foi um sucesso imediato e foi amplamente adotado por ciclistas em toda a França. Logo em seguida, manuais semelhantes foram publicados em outros países, e hoje em dia, manuais de instruções para bicicletas são encontrados em várias línguas em todo o mundo.



Parábola da bicicleta

Numa cidade qualquer, de pessoas comuns, a vida era morosa e o dia se arrastava a romper. Eis que um dia, diferente dos anteriores, um homem despertou uma vontade em sua mente e começou a nutrir dentro de seu coração o desejo de ter uma bicicleta.

Mas tinha um porém, nessa cidade não se vendiam bicicletas, em suas lojas, só se vendiam suas peças, partes de um todo, separadas em sua criação, de uma obra final.

Com o passar do tempo, essa vontade só aumentava, mas o medo do desconhecido afugentava a determinação desse pobre homem de ter o seu sonho realizado.

Todos a sua volta diziam o quanto era difícil montar uma bicicleta, que era uma coisa perigosa, alguns chegavam até a dizer que isso era uma coisa surreal, e sempre o desencorajavam de tentar.

Então em certo dia, se vestiu de coragem e desnudo de vaidades, se dirigiu a uma nova loja que

acabará de se instalar na cidade, para quem sabe, enfim iniciar seu novo projeto.

Mas seu medo ainda era muito forte, resquícios de conselhos negativos assombravam seu querer, e seu imaginário o proibia de adentrar.

A cada nova tentativa, singelos avanços aconteciam, pouco a pouco, a vitrine o convidava cada vez mais a explorar um novo mundo, como se aquele tempo fosse necessário, a maturação de um despertar.

Enfim, após idas e vindas, na porta da loja, aquele homem agora estava disposto a dar o primeiro passo.

Seu coração estava acelerado, uma cegueira sublime lhe acometia e só lhe restava naquele momento, confiar naqueles que lhe cercavam, mesmo que não o conhecessem, e assim caminhou até o balcão, onde o dono da loja lhe aguardava pacientemente.

Após algumas explicações, o dono por fim lhe deu uma luz, e lhe orientou sobre o seu nível de conhecimento, acalmou o inquieto homem, dizendo que as dificuldades sempre existiram e sempre existirão, mas que agora, pelo seu comprometimento firmado ao entrar naquela loja, sua empreitada não seria mais solitária.

E assim, após separar peça por peça, o homem tinha uma bicicleta, e antes que saísse da loja cheio de partes de um todo, o dono da loja lhe disse, leve junto esse envelope, ele lhe será útil, comece por ele.

Afoito, ao chegar em casa o homem ignorou a orientação que recebera a instantes atrás, e num estado de frenesi começou a liberar peça por peça, sem ter o menor cuidado de avaliar o significado ou sentido de cada peça.

Sua sala ficou cheia, de objetos, de objetivos, mas que não faziam o menor sentido, pois entendera que sem organização e entendimento, não seria possível produzir, sua mente e sua sala, CHEIA DE CAOS.

Pesquisou em lugares inóspitos, zonas cinzentas, redes superficiais, o caminho da construção, mas o que encontrava só lhe fazia decepção.

Dias se passaram, noites frustradas, e o caos em sua sala ainda cheia e desorganizada, já começava a assombrar sua decisão da sonhada bicicleta.

Quando quase por acidente, se lembrou do envelope indicado pelo dono da loja, e com preguiça, correu seus dedos até o mesmo.

Ao abrir o envelope e avistar seu conteúdo, ouviu-se de longe, o silêncio do espanto, daquilo que não conseguia entender, embora agora, como uma criança, conseguia pelo menos ver suas gravuras, hieróglifos para sua mente, mas um farol para seu coração !

Iniciou assim uma jornada acadêmica, literária e filosófica, pois possuía em suas mãos, o MANUAL de uma obra.

Um leque de variáveis e situações começaram a ser desmistificadas, a cada capítulo desse manual, sua conversa com os iguais, tornaram-se mais plausíveis, mais tangíveis e literais.

Um longo período de esforço foi aplicado, erros e acertos cometidos, amizades criadas, outras postergadas pelo tempo, que não se atrasa em nos mostrar, o qual valioso ele é.

Enfim, agora quase como segundo plano, sua bicicleta finalmente está montada, e ele nela montado está.

Montado de aprendizado e companheirismo, mestrado em querer saber mais.

Ornamentos lhe acompanham, mas o que mais lhe importa, é o bom e velho avental de aprendiz.

Um laço criado, como uma irmandade, onde irmãos mais velhos, zelam e cuidam dos mais novos, na esperança de vê-los se transformarem, como já dito outrora num trabalho de construtores antigo, "a verdadeira alquimia não esta na magia do homem transformar a coisa feita, em coisa melhor, mas sim na pureza das coisas que um homem feito faz, que o transformam em um homem melhor."

Foi pensando nisso, e em outras coisas, que o homem refletiu, alcançara enfim o ápice da sua busca ?

Uma calma pairou em sua cabeça, pois decifrando os augustos mistérios daquele manual, enxergou que agora ele é capaz de montar não só a sua bicicleta, mas com empenho, desmistificar qualquer bicicleta, como uma ritualística sensorial, sua memória afetiva repleta de imagens e sons o conduz ao caminho, do Norte para o Sul, iluminado pelo Sol, guiado pelas estrelas.

Ele percebe que embora a bicicleta tenha sido a sua inspiração, o manual, foi a sua libertação.

Não perca o foco do objetivo, mas não deixe de aproveitar a jornada, e se no fim puder se orgulhar do que foi feito, estando dentro dos princípios e leis, será o sinal de que seu legado permanece seguro e em evolução! **LEIA O MANUAL, DECIFRE O RITUAL IO QUE É HERMETISMO**



O QUE SOMOS E O QUE DESEJAMOS

por: Adelino Lourenço Neto

O homem, ao ser iniciado na Maçonaria, estabelece uma caminhada pela busca da sua transformação e do seu equilíbrio para a subida degrau a degrau na simbólica escada de Jacó. Durante essa caminhada, a ele é oferecido ferramentas que o auxiliarão nessa jornada.

A Maçonaria, na pureza de seus ensinamentos, nos leva a uma reflexão que podemos encontrar nos nossos rituais e instruções. Há uma pergunta aparentemente simples, mas de um profundo ensinamento que é feita ao maçom ao adentrar em qualquer Loja Simbólica: “O que vindes fazer aqui?” Que é respondida: “Vencer minhas paixões, submeter minha vontade e fazer novos progressos na Maçonaria”. A essa resposta, vamos conjecturar a simbologia encoberta com os estudos de um famoso médico neurologista que revolucionaria o campo da psicanálise no final do século XIX e início do século XX.

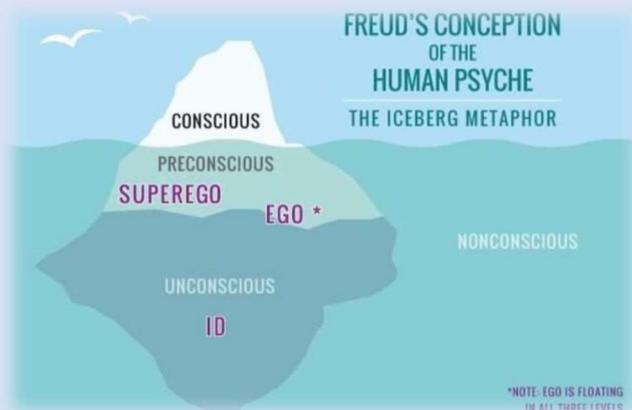


Figura 1: a psique humana e sua concepção em 3 níveis segundo Freud

Sigmund Freud em seus estudos sobre a Psicanálise, desenvolveu uma teoria, na qual a psique humana é formada por 3 instâncias que, integradas e atuando em conjunto, determinam e coordenam o comportamento humano em seus níveis consciente e inconscientes, sendo elas o Id, o Ego e o Superego.

O Id é o componente nato dos indivíduos, ou seja, as pessoas nascem com ele. Consiste nos desejos, vontades e pulsões primitivas, formado principalmente pelos instintos e desejos orgânicos pelo prazer. A partir do Id, se desenvolvem as outras partes que compõem a personalidade humana: Ego e Superego. O Id, portanto, é a matriz do qual o maçom deve estar em constante aperfeiçoamento. O Id desconhece o julgamento de valores, o bem e o mal, a moralidade. As forças do Id buscam a satisfação imediata sem tomar conhecimento das circunstâncias da realidade. Este fato leva o maçom a assumir o compromisso de descobrir quais são as forças que assolam o seu inconsciente e, mais ainda, como pretende removê-las, substituí-las e dominá-las. Para isso, ele deve ter

plena consciência do que é, como está procedendo no seu meio e o que faz por si, pelos Irmãos e pela humanidade. Conhecer-se intimamente é o primeiro passo para derrotar os impulsos menos nobres e fazê-lo transformarem-se em movimento na direção do bem. Esse é o sentido de vencermos nossas paixões.

Ao submeter sua vontade, o maçom chega ao equilíbrio do Ego, não o Ego de desejos egoístas, mas a zona consciente da mente Maçônica. O Ego é o mecanismo responsável pelo equilíbrio da psique, procurando regular os impulsos do Id. O maçom, ao submeter sua vontade, é considerado o senhor de si, controlando suas emoções e fazendo a razão subjuga-la, sujeitando, entregando e rendendo-se ao bom senso e à prudência, ponderando as ideias, tendo um raciocínio lógico e juízo perfeito de suas ações. A luz que lhe é revelada em sua iniciação será o guia para iluminar o caminho do equilíbrio de suas vontades.

O superego é a entidade psíquica que supervisiona o cumprimento das regras morais, éticas, a noção de certo e errado e todas as imposições sociais. É ele que pressiona o indivíduo a fazer grandes sacrifícios no intuito de que a personalidade internalize o máximo possível a ideia de perfeição e bondade. O Superego atua como um “conselheiro” para o Ego, alertando-o sobre o que é ou não moralmente aceito, de acordo com os princípios que foram absorvidos pela pessoa ao longo de sua vida. É por isso que, na Maçonaria, exercitamos a nossa capacidade de fazer a nossa vontade ficar contida dentro dos limites das leis, usos e costumes, que são suficientes para assegurar que seremos pessoas capazes de viver dignamente em qualquer contexto legal.

Quando o maçom responde que deseja fazer novos progressos na Maçonaria, não apenas está aspirando à novos conhecimentos da sublime ordem, mas almeja encontrar o equilíbrio interno entre a impulsividade, a racionalidade e a moralidade, de modo a desbastar as arestas e vazios que encontrará durante sua jornada. A Maçonaria é o lugar perfeito para esse encontro, possuindo as ferramentas necessárias para a tomada de consciência e despertar.

Afinal, “O que vindes fazer aqui?”

MAÇONARIA, UM MAR REVOLTO

por: Adalberto Rigueira Viana



A Maçonaria para mim é como um mar bravio, caudaloso passando sem qualquer controle, levando tudo que estiver ao seu redor.

Passa tão furiosamente levando inúmeros defeitos do ser humano que estão aglutinados nas suas cercanias como a vaidade, a arrogância, a inveja, o desrespeito, a petulância, o orgulho, a destemperança, a prepotência, a insensatez, a discórdia e tantos males que assolam a natureza humana.

Com os seus redemoinhos inclementes deixam-nos nas profundezas mais longínquas, guardando na superfície somente virtudes como a bondade, a misericórdia, o amor ao próximo, o bom senso, e benevolência, a beneficência, a gratidão, a simplicidade, a harmonia e a fraternidade.

Com a sua fúria inclemente determina que os maçons estendam e disponibilizem os laços fraternais que os unem a todos os homens esparsos pela superfície da terra, combatendo, terminantemente, o recurso, à força e à violência para a consecução de quaisquer objetivos.

O oceano é, para nós, um símbolo do povo, a cujo serviço se dedicamos verdadeiros Maçons. Inerte na calmaria, é agitado e revolto pelo maior movimento que lhe dão os ventos. Açotado pelas tempestades, as suas vastas ondas vêm atirar-se de encontro às praias.

A sua instabilidade e a sua fúria retratam bem os caprichos vários e as vinganças cruéis de um povo desgovernado. As suas correntes são como as da opinião popular, de que as nações são parte. Assim como o marinheiro se lança aos riscos dos naufrágios e de ser tragado pelas ondas, assim também o patriota, que quer servir ao povo, deve arriscar-se a tornar-se mesmo odioso e a ser esmagado pela sua fúria cega.

O mar na sua gigantesca e desmedida forma, não tem largura e nem profundidade possíveis de serem medidas e pode ser confundido com a quantidade de maçons espalhados mundo afora, que mesmo a estatística moderna teria inúmeras dificuldades para calcular.

O oceano com a sua desmedida força e perigos incalculáveis que fazem com que o marinheiro veleje o seu barco com coragem e perspicácia para não correr o risco do afundamento iminente é como a vida do Maçom, repleta de armadilhas que ele terá que delas se desvencilhar com toda a prudência, sabedoria e também coragem, tantas serão as tentações que ele terá que enfrentar e ultrapassar para não correr o risco de ter a sua honra enlameada ou correr o risco de cair numa lixeira fétida e ser acometido de doenças terríveis...

Embora possamos encontrar abundância de água nos rios e no mar, podemos afirmar que não há nenhuma cisterna ou mina no mundo que possa produzir água tão pura e benfazeja como as gotas de lágrimas de um calejado e experiente ancião.

Aqui cabe uma pergunta. Porque é que havendo uma gota d'água, um lago, um rio, um mar ou um oceano, tantos ainda morrem de sede?

Fazendo uma breve retrospectiva, lembramo-nos que no dia da iniciação maçônica, no momento do seu juramento o recém iniciado assume, caso não cumpra o que está a prometer, que lhe seja arrancada a língua, tenha o pescoço cortado e o seu corpo enterrado nas areias do mar, onde o fluxo e o refluxo das ondas o mergulhem em perpétuo esquecimento, sendo declarado sacrílego para com Deus, e desonrado para com os homens.

Já pensaram na profundidade e responsabilidade deste compromisso assumido, ainda que simbolicamente dentro de um Templo maçônico?

A água doce de um rio pode representar o líquido da boa sorte, aquele que nos traz momentos de alegria, de enlevo e de satisfação, enquanto que a água salgada do mar, pode representar os momentos e instantes de tristeza, de preocupação, de angústia, de aflição e de sofrimento pelos quais todo ser humano um dia sorverá.

Embora tenhamos intitulado este trabalho chamando à atenção para a revolução do mar contra todo mal, temos Fé e Esperança que o Grande Arquiteto do Universo possa um dia fazer com que os maçons se tornem numa força uníssona fazendo com que todos se unam eternamente e que tenham os braços entrelaçados para valorizar cada vez mais o verdadeiro amor entre os maçons, homens livres e de bons costumes.

É bom lembrar ainda que o verdadeiro líder não é aquele que chega sempre à frente ou em primeiro lugar, mas sim, aquele que faz com que todos cheguem juntos, e que é importante descobrir não quem é o mestre, o santo, o líder, mas porque é que o seguimos.



O RITO ADONHIRAMITA

por: Hercule Spoladore



A Maçonaria Adonhiramita nasceu na França durante a segunda metade do século XVIII. Foi praticada lá e nas suas colônias bem como em Portugal e as suas respectivas colônias. Foi o primeiro rito a entrar no Brasil trazido pelo Grande Oriente Lusitano. Ele atualmente estava sendo praticado só no Brasil, aonde vem apresentando um desenvolvimento muito acentuado, com a criação de inúmeras novas lojas, quer no GOB, quer na COMAB e agora também na Grande Loja de São Paulo (GLESP).

Todavia, há alguns anos ele foi reintroduzido em Portugal, graças aos esforços do então Grão-Mestre do GOB-Pará, Irmão Waldemar Coelho que é um dos grandes incentivadores para que o Rito cresça em todo o mundo o qual enaltece também os esforços dos maçons Adonhiramitas do Pará e de outros estados que muito trabalharam para que o Rito voltasse a Portugal. O então Grão-Mestre da Grande Loja Maçônica Regular de Portugal, o Irmão Mario Martin Guia decretou finalmente a criação da primeira Loja Adonhiramita no país, pelo menos nesta nova fase do Rito, e que levou o nome de Loja Regular "José Estevão". Evidentemente a primeira Loja do Rito Adonhiramita em Portugal foi fundada no século XVIII.

De início torna-se necessário esclarecer e explicar um erro histórico sobre a fundação deste Rito.

Não foi o Barão de Tschoudy (Louis Theodore) político de origem suíça nascido em 1720 e falecido em 1769 aos quarenta e nove anos de idade quem fundou o Rito. O Rito em realidade foi fundado por Louis Guillerman Saint-Victor que escreveu um livro "Compilação Preciosa da Maçonaria Adonhiramita" (Recueil Précieux de la Maçonnerie Adonhiramite) onde ele descreveu e incluiu os quatro primeiros graus e publicou em 1781. Em 1785 ele escreveu um segundo livro descrevendo mais oito graus, perfazendo doze. Era então, conhecido o Rito como a Maçonaria dos 12 graus.

O grande culpado deste imbróglio do falso fundador do Rito foi um escritor francês, Maçom, de nome Jean Baptiste Marie Ragon de Bettignies (1781- 1862), mais conhecido por Ragon, que ao que parece tinha boa cultura maçônica. Escreveu vários livros sobre a Ordem, porém ao escrever não era criterioso e nada mais do que um leviano que inventava situações a seu belo prazer. E num dos seus livros "Ortodoxia Maçônica" (Orthodoxie Maçonnique) ele afirmou que o Barão de Tschoudy era o fundador do Rito Adonhiramita e também ele "criaria" o 13º grau do Rito. Entre as suas várias balelas existe mais uma, ao afirmar que Elias Aschmole teria sido o primeiro compilador dos rituais dos graus 1, 2 e 3, quando na realidade Aschmole jamais compilou qualquer ritual. Aschmole quando foi iniciado em 8.10.1646, nesta época não tinha ainda sido organizado o catecismo (ritual) do grau 2, o qual foi criado em 1670 (manuscrito Sloan, 3 -1696), e muito menos o 3º grau criado em 1725 e incorporado na ritualística em 1738.

Desta forma, inventando, ele atribuiu a paternidade do Rito Adonhiramita ao Barão de Tshoudy. Só que em 1871 Tschoudy tinha falecido 12 anos antes. Logo, ele jamais poderia ter fundado o Rito Adonhiramita.

Após 1785 Guillerman Saint-Victor escreveu e publicou a tradução de um trabalho alemão a respeito do Grau Noaquita ou Cavaleiro Prussiano, de autoria do alemão M. de Beraye e este artigo apareceu publicado no Journal de Trévoux.

Ragon e Thory intrometeram-se, sem nenhuma razão especial interpretaram a publicação como sendo mais um grau, o 13º grau, embora Saint Victor houvesse publicado a tradução por mera curiosidade sem intenção de criar mais um grau. Esta tradução era um grau alemão que nada tinha a ver com os 12 graus já estabelecidos do Rito. Ragon inseriu o novo grau na parte final da segunda parte do trabalho de Saint Victor e o 13º grau acabou sendo incluído no Rito. Também, seria o 13º grau segundo alguns autores, uma homenagem a Frederico II da Prússia, Maçom e que foi benfeitor da Ordem numa época em que ela se achava em progresso, mas muito perseguida.

Fica assim esclarecido este erro histórico causado por um escritor Maçom até certo ponto inescrupuloso e que apesar de escrever bem e ser culto não media as consequências do que escrevia. Ele terminou desacreditado no final do século XX. Ele era ainda muito citado em trabalhos até há cerca de 30 a 40 anos atrás, por escritores maçons brasileiros e estrangeiros, que não conheciam a verdade sobre o famoso Ragon. Ainda existem irmãos atualmente no Brasil que afirmam ter sido o Barão de Tschoudy o fundador do Rito Adonhiramita bem como citam Ragon como referência bibliográfica nos seus trabalhos, que costumeiramente ainda se lê nas revistas, ou livros maçônicos.

Existe um Rito da "Estrela Flamejante" (L'etoile Flamboyant) fundado em 1766, portanto três anos antes desenlace do Barão e que foi realmente fundado por ele. Era



Globalmag
EQUIPAMENTOS

um rito composto de 15 graus. Tschoudy era um Maçom ativo e honesto. Ele não tem culpa se Ragon o colocou como fundador da Maçonaria Adonhiramita. Quiseram imputar a fundação de outro rito à Tschoudy, ou seja, o Rito de Tschoudy Reformado de seis graus. Mas, igualmente quando fundaram este Rito o Tshoudy já tido partido para o Oriente Eterno já há alguns anos. Tshoudy era particularmente contra os Altos Graus. Ele também pertenceu ao Conselho dos Imperadores do Oriente e do Ocidente, que foram os criadores do Rito de Heredon de vinte e cinco graus. Aliás, este Rito foi a fonte, foi a raiz dos demais ritos que hoje conhecemos pertencentes à vertente francesa, inclusive o Rito Adonhiramita.

Com relação à história da criação do Rito Adonhiramita em si tudo começou em 1743 quando um escritor profano compositor musical escrevendo vários livros cerca de dez, sobre música, teatro, pertencente à Academia Real de Música de França de nome Louis Travenol, usando o pseudônimo de Leonard Gabanon escreveu um livro contra a Maçonaria intitulado de “Catecismo dos Francos Maçons” (Cathécisme de Francs Maçons) onde descreveu uma série de fantasias e mentiras, porém com algumas informações corretas que coincidiam com a maçonaria praticada na época, além da descrição do 3º grau completo como era praticado. E ele coloca em cena o nome de Adonhiram que até então não existia na lenda a qual apesar de ser nova, criada há poucos anos só se conhecia o personagem Hiram Abiff.

Em 1742, o Abade Gabriel Luiz Calabre Perau escreveu um livro “A Ordem Maçônica Traída e os seus segredos revelados” (L’Ordre des Francs Maçons Trahi et leur secrete revélé) publicado em 1745 em Genebra que era confundido com a obra de Travenol. Ambos os livros mencionam Adonhiram, mas a obra de Perau era mais uma descrição de canções e hinos cantados durante as sessões maçônicas, enquanto que Travenol descreveu o 3º grau e a sua lenda como eram conhecidos na época, mas colocando em evidência o personagem bíblico Adonhiram. A obra de Perau é aqui citada porque muitos historiadores confundiram o título com a obra de Travenol. Perau propôs-se apenas revelar os segredos da Maçonaria, mas não denegrir a Ordem a exemplo de muitos escritores da época faziam, aliás, como o próprio Travenol.

Em 1744 Travenol lança outro livro “Compêndio da História de Adonhiram Arquitecto do Templo de Salomão” (Abrége de L’Histoire D’Adoniram, Architecte du Temple de Salomon) onde ele disseminou de vez a confusão entre Adonhiram com Hiram Abiff. A partir daí os ritualistas maçônicos dividiram as opiniões pois para alguns seriam os mesmos personagens da lenda, enquanto para outros se tratava de personagens diferentes. Interessante como os maçons davam importância para a obra de um profano. E acresça-se que era um profano escrevendo contra a Ordem. Parece que eles próprios não tinham segurança na redação dos seus rituais e as suas lendas. Aproveitavam o conteúdo

dos livros escritos por profanos como fonte de referência, pelo menos naqueles conceitos e história que se podia aproveitar deixando de lado as mentiras, invenções e ficções.

Mas as obras de Travenol de qualquer forma influenciaram o início da Maçonaria Adonhiramita. Mas não foi o único autor a escrever livros que influenciaram a própria Maçonaria. Muitos anos antes em 1730 Samuel Prichard fez o mesmo, publicou todos os segredos da Maçonaria inglesa até aquela data. E esta obra é estudada até hoje pelos cientistas maçônicos da Loja Quatuor Coronati, nº 2076 de Londres. Por ironia trouxe muita informação correta necessária para Maçonaria de hoje.

Mas quanto a Adonhiram alguns ritualistas da época mantinham uma situação dualista, mas não concordavam quanto à função de cada um dos personagens na construção do templo de Salomão. Um era hebreu, o outro era fenício. Interessante, que tudo começou a partir de um livro escrito contra a Ordem, nascendo daí o embrião de um movimento maçônico que logo mais se tornaria a Maçonaria Adonhiramita.

Em 1747, o livro Catecismo dos Francos Maçons (Cathécisme des Francs Maçons) foi reeditado, voltando a enfatizar o personagem Adonhiram.

Ainda em 1749 Travenol publicou “Novo Catecismo dos Francos Maçons” (Nouveau Cathécisme des Francs Maçons) onde ele publica práticas ritualísticas dos Modernos, que constituem uma referência sobre o Rito Francês.

Um grupo de maçons ritualistas sustentava que Adonhiram tinha sido um subalterno, um mero arrecadador de impostos ao passo que o outro grupo achava que ele seria o verdadeiro personagem da lenda do 3º grau. Desta forma nasceu a Maçonaria Adonhiramita defendida pelo grupo de Guillerman cuja lenda seria diferente da Maçonaria Hiramita com relação ao principal protagonista da mesma, mas que no fim os atributos e finalidade dos personagens eram os mesmos. Ambas as correntes tinham a mesma meta, onde existia muita convergência na redação das lendas, levando-se em conta que se assemelham muito, pois ambas tratavam da construção do templo de Salomão e o seu provável construtor.

Evocando os Landmarks que afirmam a exigência da lenda do 3º grau baseada em Hiram Abiff estes foram contrariados quanto a um dos personagens principais defendido pelos maçons Adonhiramitas. Mas e daí? Por acaso a Maçonaria Adonhiramita também não cultua Adonhiram um personagem bíblico com as mesmas características simbólicas do Hiram Abiff também bíblico? E outra pergunta considerada lógica e coerente: tanto um como o outro tinham qualificações para ser o mestre de obras, o construtor Mór do templo de Salomão? Não tinham porque o Hiram, o fenício era trabalhava com bronze, que hoje o chamaríamos de metalúrgico. Era um artífice em fundição de bronze. O que ele entendia de construção para ser a principal figura da



Globalmaq
EQUIPAMENTOS

edificação do templo? E o outro, o hebreu o Adonhiram era administrador e coletor de impostos ou como a Bíblia afirma noutro local, um preposto às corveias, por ocasião do Templo de Jerusalém. Para esclarecer o que é corveia era o trabalho gratuito que no tempo do feudalismo, o camponês era obrigado a prestar serviços ao senhor ou ao estado. Trabalho escravo, portanto. Também não teria também qualificação para ser o mestre de obras do sumptuoso e famoso templo. E a própria Bíblia causa as confusões, pois ela é repleta de contradições gritantes. Existem vários Hirans Hirão e mais de um Adonhiram, Adoniram, Adoram ou nomes parecidos. Mas este detalhe não altera o arcabouço geral da lenda do 3º grau feita por maçons. Porquê? Porque a principal função da lenda não é a de se ficar discutindo confusos personagens bíblicos. E ainda tem que se considerar que tanto a Maçonaria Hiramita como a Adonhiramita promoveram, isto na lenda do 3º grau um personagem secundário para ser o arquiteto ou construtor ou superintendente do Templo. Isto seria impossível e improvável atualmente. Tanto Hiram Abiff como Adonhiram não teriam capacitação técnica para ser o construtor do templo de Salomão. Mas lenda é lenda e daí? Lenda é lenda, é fácil fabricar uma. A lenda de Hiram ou Adonhiram não fugiu à regra.

Ainda levando-se em conta o que é uma lenda que segundo os dicionários é “uma narração escrita ou oral de carácter maravilhoso, relatando fatos históricos antigos na qual estes são deformados pela imaginação popular ou pela imaginação poética” (Aurélio). Logo, uma lenda pode ser alterada, antes de tomar o a redacção final, pois ela contém fatos verdadeiros e fatos irreais e não tem compromisso com a realidade e nem com a verdade, mas sim com a mensagem e o recado simbólico que ela transmite o exemplo que ela estabelece e impõe a um grupo ou à sociedade. Ela vale pela mensagem que passa aos adeptos.

Já o mito tem diversas explicações, mas uma delas seria complementando o conceito de lenda que seria uma imagem simplificada de pessoa ou de um acontecimento, não raro ilusório elaborado ou aceito pelos grupos humanos e que representa papel significativo de comportamento. Seria o produto final, o herói da lenda. Todo povo, nação, grupo de homens, religiões, ou a própria Maçonaria precisam de um mito para sobreviver.

O esplendor da lenda Hiramita ou Adonhiramita não está na defesa deste ou daquele personagem, já que no caso ambos os personagens foram emprestados da Bíblia, mas sim na influência e identidade da lenda com o mito solar. Poucos autores mencionam este fato. Parece que o mantém oculto. A lenda do 3º grau é totalmente influenciada pelos cultos solares da antiguidade, tendo o seu similar mais aproximado na lenda egípcia de Osíris. Mas destacam-se ainda na lenda do 3º grau as influências das manifestações religiosas e místicas dos povos antigos como os sumerianos, dos persas, dos gregos. Especialmente do mitraísmo, que era uma religião pagã, que

adorava o sol e que foi tornada ilegal e o cristianismo oficial pelo Imperador Teodósio em 391.d.C numa ocasião em que ela disputava com o cristianismo quase que em igualdade de condições, qual religião prevaleceria. O cristianismo copiou muita coisa do mitraísmo, dando outros nomes.

A influência do mito solar vem também inserida nos rituais de todos os ritos, quando se faz os diálogos entre o Venerável e os Vigilantes. Na abertura e encerramento ritualísticos das sessões eles descrevem o nascimento, morte e renascimento do sol diuturnamente. É uma referência. É a descrição do trajeto descrito pelo sol, símbolo principal dos antigos e de todas as religiões naturais antigas. Por isso se diz que a Luz vem do Oriente. O Venerável lembra ou representa o sol dos antigos. Ainda vem a afirmação importante nesta lenda do conceito do nascer, morrer e renascer, um dos principais ensinamentos do 3º grau. Não se quer atribuir aos rituais maçônicos e nem à própria Maçonaria que ela seja um produto do mito solar. Mas sofreu a sua influência assim como foi influenciada por tantas outras culturas e religiões naturais antigas e principalmente da Bíblia. A lenda do 3º grau sofreu todas estas influências e foi adaptada para a Maçonaria. Foi uma lenda bem manipulada, construída para nortear a Ordem na sua caminhada através dos tempos e que provou estar correta, pois hoje quer a Maçonaria Adonhiramita, ou a Maçonaria Hiramita tem o seu herói-símbolo, ou seja, o seu mito, fazendo parte de uma mesma lenda, ou seja, a lenda do 3º grau.

BIBLIOGRAFIA

- CASTELLANI, José Liturgia e Ritualística do Grau de Mestre Maçom
- Em todos os Ritos – Editora “A Gazeta Maçônica” – São Paulo, 1987
- CARVALHO, Assis Ritos e Rituais – volumes 1,2,3. – Editora “A Trolha” – Londrina, 1993
- PERAU, Gabriel Louis Calabre – A Ordem Maçônica Traída e os seus Segredos Revelados – Tradução de Atualpha José Garcia – Editora “A Trolha” – Londrina, 2001
- Original: “L’ordre des Francs Maçons Trahi, et leur Secret révélé” A L’Orient, Chez G. de L’Etoile, entre L’esquerre & le Compass, vis-à vis du Soleil couchant, 1745”
- O RITO ADONHIRAMITA – HISTÓRIA – Publicação feita pelo Sublime Capítulo Adonhiramita do Brasil – SCAB.



Globalmag
EQUIPAMENTOS

MEU NOME HISTÓRICO: QUINTINO BOCAIUVA

Por: José Alves Silva Filho

Quintino Antônio Ferreira de Sousa, nasceu na cidade do Rio de Janeiro, na província do Rio de Janeiro, em 4 de dezembro de 1836. Era filho de Quintino Ferreira de Sousa e Maria Candelária Moreno y Alagon, de origem argentina. Em 1849, mudou-se para São Paulo e iniciou o curso de humanidades anexo à Faculdade de Direito, custeado pelo tio materno Pedro Moreno d'Alagão, em virtude da morte de seu pai naquele ano.

Em São Paulo, exerceu as funções de tipógrafo e revisor, e estreou na carreira jornalística com a publicação de poemas e artigos no jornal literário *O Acaiaba*. Em 1853, fundou com Antônio Ferreira Viana, então estudante da Faculdade de Direito de São Paulo, o periódico político literário *A Honra*, em que defendia o ideário republicano. Conforme costume da época, em 1851 adotou o nome indígena *Bocaiúva*, que significa uma espécie nativa de palmeira, como afirmação de seu nativismo.

Em 1854, em virtude de dificuldades financeiras, retornou ao Rio de Janeiro. Iniciou carreira de dramaturgo, tendo encenado as peças teatrais *Trovador* (1857), *As colisões de um ministro* (1857), *Onfália* (1860) e *Mineiros da desgraça* (1861), além de traduzir *O dominó azul*, *Minhas duas mulheres*, *Tramoia*, *O bandoleiro*, *Um pobre louco*, *Pedro Favilla* e *Cáudio Manuel*. Atuou como censor do Conservatório Dramático, instituição voltada para o controle da produção teatral na corte, que teve ainda Machado de Assis como parecerista. Naquele momento, ganhava destaque como crítico literário, dramaturgo e censor, mas também como jornalista. Colaborou nos jornais *Diário do Rio de Janeiro* (1854) como crítico teatral e literário, no *Correio Mercantil* (1860-1864) e no periódico literário *A Semana*. Foi editor do jornal *O Paraíba* (1857-1859), de Augusto Emilio Zaluar, de Petrópolis, e em 1860 assumiu a direção do *Diário do Rio de Janeiro*, que parara de ser impresso diariamente em 1858, em substituição a José de Alencar. Nesse jornal foi correspondente no Senado imperial, notabilizando-se pela defesa dos ideais republicanos e por suas análises na coluna "Semana Política", abordando temas como a Guerra do Paraguai (1864-1870), o casamento civil, a defesa da



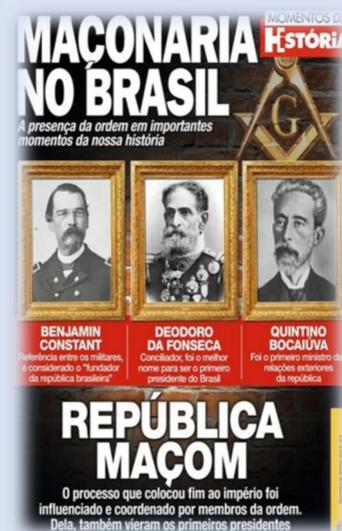
imigração, a liberdade de opinião, a instabilidade política e a crise financeira que o país atravessava.

Durante a guerra, atuou como correspondente na Argentina, fazendo cobertura sobre a região do Prata. Além do jornalismo, desempenhou atividades comerciais como a exploração de contratos de fornecimento ao Exército durante a guerra, o arrendamento de estrada de ferro no Paraguai e a criação da Sociedade Imperial de Imigração (1866), em associação com o cubano Bernardo Caymari.

Em 1861, tornou-se membro da maçonaria na loja paulista Amizade, conforme muitos dos que participaram do movimento republicano naquele período.

Nos anos de 1866 e 1867, atuou nos Estados Unidos como representante do governo imperial para promoção da imigração para o Brasil. Em 1870, fundou o Clube Republicano do Rio de Janeiro – que no mesmo ano se transformou no Partido Republicano –, ao lado de Saldanha Marinho, Lafaiete Rodrigues Pereira e Aristides da Silveira Lobo, além de dissidentes do Partido Liberal, após a crise política decorrente da queda do terceiro gabinete

Zacarias de Góis e Vasconcelos (1868). Integrou a comissão diretora do clube e participou da fundação do jornal *A República*, que se tornou o órgão oficial do Partido Republicano. Redigiu, ao lado de Salvador de Mendonça, o Manifesto Republicano, publicado na primeira edição do jornal, em 3 de novembro de 1870. Em 1872, integrou a comissão central criada para



unificação das organizações republicanas, que assumiu a direção do *A República*, e no ano seguinte foi criado o Clube Republicano Federal. Em 1874, com o fim da circulação do periódico, passou a atuar no jornal *O Cruzeiro*; em 1881, se tornou redator-chefe do jornal *O Globo*, que deixaria de circular em 1883; ainda neste ano, participou da fundação do periódico *O País*, que teria papel importante na vida política brasileira e do qual seria o redator-chefe. Foi candidato a deputado geral em 1881, 1886 e 1888, e para o Senado, sem êxito, em 1886 e 1887, mesmo ano em que foi delegado no Congresso Republicano Federal, realizado na corte. Nesse congresso, foi publicado um manifesto em defesa da abolição da escravatura e reafirmado o programa liberal-democrático de 1870.



**JC BECKMAN
ENGENHARIA**

(91) 98124-5251

JCBECKMANENGENHARIA@GMAIL.COM

Participou ainda dos congressos republicanos, realizados em 1888 e 1889, sendo eleito nesse último chefe nacional do Partido Republicano. Participou ativamente da conspiração republicana que reuniu civis e militares na residência do marechal Deodoro da Fonseca, na qual teria sido incumbido da organização do futuro ministério republicano. Integrou o Governo Provisório como secretário de Estado das Relações Exteriores, acumulando ainda a pasta da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, até a chegada de seu titular, Demétrio Ribeiro, que assumiu em dezembro. À frente da pasta, atuou para o reconhecimento diplomático do novo regime pelos outros países; na I Conferência Internacional Americana (1889); no Acordo Aduaneiro firmado com os Estados Unidos (1891); e nas negociações em torno da região de Palmas, reivindicada pela Argentina, que resultou no Tratado das Missões, assinado em 1890 e rejeitado pela comissão especial da Câmara dos Deputados. Essa questão foi resolvida somente em 1895, a favor do Brasil.

Desincompatibilizou-se do ministério em 1890, quando foi eleito senador pelo estado do Rio de Janeiro para a Assembleia Nacional Constituinte. Assumiu a legislatura ordinária em 1891, reelegendo-se para as legislaturas 1892-1893, 1894-1896, 1897-1899 e 1900. Por ocasião do golpe de Estado que fechou o Congresso Nacional e instaurou o estado de sítio, articulado pelo ministro Henrique Pereira de Lucena, levando à renúncia do marechal Deodoro da Fonseca, foi preso ao lado de outros parlamentares considerados de oposição.

Em 1893, esteve à frente da fundação do Partido Republicano Federal, ao lado de nomes como Francisco Glicério, Aristides Lobo e Saldanha Marinho, integrando a comissão executiva provisória. Ainda em 1893, foi signatário do manifesto de senadores em defesa do presidente Floriano Peixoto, no contexto da Revolta da Armada, rebelião contra o governo federal sob liderança do contra-almirante Custódio José de Melo. Apoiou a candidatura de Prudente de Moraes (1894-1898) para a presidência da República, mas passou a fazer oposição ao seu governo pelo jornal *O País*, em virtude da concessão de anistia aos revoltosos para o fim da Revolução Federalista (1893-1895).

Em 1900, elegeu-se presidente do estado do Rio de Janeiro, renunciando à sua vaga ao Senado, num esforço de superação da crise política da elite fluminense, em virtude de disputas das diferentes forças, e da crise financeira que acometia a região em decorrência da decadência do setor agroexportador cafeeiro do Vale do Paraíba e da região serrana. Teve seu nome indicado para a presidência da República, na sucessão de Campos Sales (1898-1902), mas a convenção nacional do Partido Republicano Federalista aprovou a candidatura de Rodrigues Alves, de São Paulo. Em 1903, após o fim do mandato na presidência do estado, foi reeleito para o Senado, mas afastou-se temporariamente da

política. Foi mais uma vez eleito ao Senado para a legislatura 1909-1912 e escolhido vice-presidente da casa.

Na campanha presidencial de 1910, apoiou a candidatura oficial encabeçada pelo marechal Hermes da Fonseca e pelo presidente de Minas Gerais, Venceslau Brás Pereira, contra Rui Barbosa, que teve como vice Manuel Joaquim de Albuquerque Lins, presidente do estado de São Paulo, no que ficaria conhecido como campanha civilista, que percorreu vários estados.

Em 1910, participou da fundação do Partido Republicano Conservador (PRC), ao lado de Pinheiro Machado e outros nomes que apoiaram a candidatura de Hermes da Fonseca, sendo eleito presidente da comissão executiva. Recebeu de D. Pedro II o título de comendador da Ordem da Rosa, mas recusou a honraria por sua posição política contrária à monarquia.

Teve enorme destaque nos meios jornalístico, literário, político e teatral, foi um dos mais importantes propagandistas do regime republicano de sua época, chegando a receber a alcunha de Patriarca da República. Deixou uma vasta e variada produção bibliográfica, em que se incluem trabalhos jornalísticos, estudos, opúsculos, conferências, peças teatrais e traduções, tais como *O trovador*(1850), *Estudos críticos e literários*(1858), *Sofismas constitucionais* ou *O sistema representativo entre nós* (1860), *A opinião e a Coroa* (1861), *A comédia constitucional*(1861), *Os nossos homens*(1864), *A família*(1868) e *A Crise da lavoura* (1868).

Morreu no Rio de Janeiro, em 11 de julho de 1912.



**JC BECKMAN
ENGENHARIA**

 (91) 98124-5251

 JCBECKMANENGENHARIA@GMAIL.COM

LANÇAMENTO DO LIVRO – ESTUDOS MAÇÔNICOS I

por: Mário Sérgio dos Santos Nascimento



Quando pessoas compromissadas com o conhecimento se reúnem com o objetivo de divulgar textos e pedem ajuda para outras com o mesmo objetivo, informações são reunidas, organizadas, divididas em temas que explanam história, ritualística, simbologia e filosofia, tudo em torno do conhecimento maçônico. Então, a editora Aludel aceitou fazer parte desse projeto dando vida e cores ao que foi batizado como Estudo Maçônicos I, nascido com a pretensão de não deixar a ideia sucumbir e descobrir outros talentosos autores.



Em um mercado cada vez mais digital, editora e autores paraenses no dia 27/06/2024 em Belém lançam um livro físico, e diga-se de passagem, de excelente qualidade

editorial e de conteúdo, expondo exemplares na sede da Grande Loja do Pará – GLEPA; na Biblioteca da Universidade de Salamanca na Espanha e nas redes sociais de seus diversos autores.



Do prefácio a conclusão são dezoito autores, dezesseis textos, artigos pensados para ajudar a todos que querem aprender um pouco mais com essas experiências, o livro reúne irmão de diversos ritos, potências, graus, formação acadêmica e profissional, contribuições importantes para maçonaria de Belém e do Pará, amenizando a lacuna existente causada por poucas possibilidades de publicação sobre literatura maçônica no Estado.

Caminhos foram abertos, desbravados, deixando claro que o fortalecimento da moral maçônica, principal objetivo das reuniões em Loja, passa a ter mais instrumentos educativo e os estudiosos da Arte Real a possibilidade de materializar seus pensamentos em forma livros de qualidade.

Reunir esses autores é também uma forma de reconhecimento de suas artes, de seu pensar, de suas pesquisas. Quem sabe mais adiante, grupos temáticos de pesquisadores sejam formados para dar uma nova cara a maçonaria belenense, fortalecendo as Academias de Letras e Artes maçônicas, motivando a todos a conhecerem a importância de tal conhecimento para o aprimoramento social.

Sonhos e pesquisas foram concretizados em forma de livro e neste se encontra da Maçonaria operativa aos estudos ritualísticos, simbólicos e o cruzamento de conhecimento da Ordem com comportamento social. Agora, a ideia de manter viva a coletânea sobre os Estudos Maçônicos que desafia a todos a colaborarem para que a arte continue a florescer.

Irmãos deste projeto do livro também fazem parte deste projeto da revista:



A DUALIDADE DA VIDA REPRESENTADA ATRAVÉS DA SIMBOLOGIA MAÇÔNICA NO RITO ADONHIRAMITA

por: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

A busca em conhecer a si mesmo é o grande desafio daqueles que visam melhorar moralmente, vencendo seus vícios, ideal perseguido por maçons que entenderam os principais objetivos sociais da Ordem. É nesse sentido que os símbolos que denotam dualidade devem ser usados como elementos educativos auxiliando a quem se dispôr a entender parte do funcionamento da vida. Assim, pretende-se entender como elementos que representam dualidades estão presentes na simbologia do Rito Adonhiramita.

Na prática do Rito Adonhiramita, o espaço destinado ao Irmão Aprendiz é o Setentrião, local considerado de fraca luz, onde ficam os iniciados considerados de pouco conhecimento sobre a Ordem, tendo como símbolo a lua, satélite que reflete a luz do sol; a pedra bruta, elemento a ser lapidado através das diversas formas de conhecimento. Quanto aos Irmãos Companheiros, são destinados ao Sul, tendo como símbolo a pedra cúbica e o sol, mas, não em sua total plenitude. Quanto aos Mestres, reúnem-se na câmara do meio com a função de instruir os outros graus.

Percebe-se quanto aos símbolos que representam os graus, que a ausência e presença de luz, ignorância e conhecimento sobre preceitos morais para vida, deixa claro o princípio universal da dualidade, opostos que atuam no íntimo de cada ser humano. Esotericamente falando, a ausência de luz ou sombra representa todos os nossos aspectos negativos comportamentos como inveja, raiva, orgulho, vaidade, quanto a luz, representa os aspectos positivos como: solidariedade, caridade, honestidade, gentileza e outros.

A dualidade é um conceito filosófico que se refere à existência de duas realidades opostas e complementares, todos tem em seu interior sombra e luz, do assassino mais cruel até o guru mais iluminado, convivemos normalmente com nossos opostos, mas para entendê-los é mais fácil começar pela sombra, entender defeitos e limitações para se chegar aos acertos, os erros dos indivíduos podem ser fruto de sua ignorância, nesse caso, o conhecimento é uma alternativa a presença e manifestação da luz.

Voltando a atenção para o pensamento do filósofo grego Platão em seu livro "A República", percebe-se que a discussão sobre dualidade da vida, a percepção da realidade é um pouco mais antiga. O autor usa a caverna, local de pouca luz, como uma alegoria para explicar através de metáfora como conhecimento passado a população é controlado e limitado, o conhecimento é transmitido a sociedade através de instituições como família, religiões, educação, cultura, trabalho e instituições

iniciática como a maçonaria, dessa forma todos estão sujeitos a absorverem preconceitos, crenças limitantes do comportamento, assim como visões distorcidas da realidade. Para Platão, a realidade só pode ser percebida de forma diferente quando seus integrantes conseguirem sair da caverna e adquirirem novos conhecimentos, ou seja, fugirem das sobras e buscarem a luz, passar da ignorância ao conhecimento.

O rito Adonhiramita trabalha essa dualidade de forma latente em seus rituais e símbolos, a palavra luz se faz presente em diversos momentos do desenvolvimento da ritualística, como: as Luzes moveis da Loja, Venerável, 1º e 2º Vigilantes; Luzes fixas, Esquadro, compasso e livro da lei; Tem-se o altar da chama sagrada; Cerimonial do fogo através do qual se evoca a luz da sabedoria, da força e da beleza, rogando que a luz habite entre os presentes a sessão; os trabalhos em Loja são abertos ao meio dia, muita luz, sol a pino, fechado a meia noite, fraca luz; a sessão é iniciada e finalizada com orações que falam sobre a luz verdadeira; fonte fecunda e imortal de luz; sabedoria e lembrança do criador. Outro ponto a salientar é o pavimento mosaico, quadriculado em preto e branco, representa as diversas dualidades da vida e fica no centro do templo.

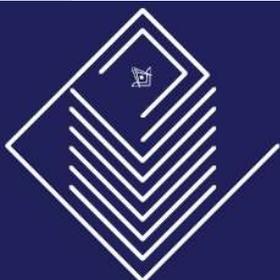
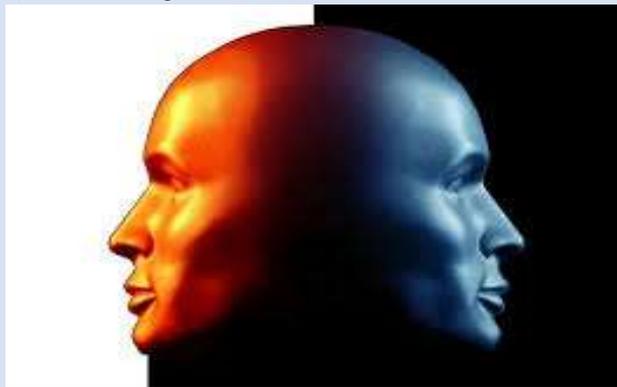
Nesse sentido, luz é conhecimento, a ausência desta é a ignorância, responsável por muitos vícios morais que afetam o comportamento social, cabendo as várias instituições, nesse caso em especial a Maçonaria, o aprimoramento moral de seus

membros, através da ação dos Mestres em relação aos Aprendizes e companheiros, estes precisam ser instruídos e motivados a desenvolver estudos que os esclareça sobre os princípios morais da sociedade, em questionar comportamentos e opiniões formadas, perceber sua concepção espiritual e material.

No atual momento histórico estamos diante de maior acesso a informações e a

diversas formas de comunicação, mas, apesar de todas essas facilidades, percebe-se uma paulatina diminuição da capacidade de análise socio, econômica, política, espiritual e ambiental. O crescimento dos meios tecnológicos, afetam diretamente a motivação a pensar, a questionar a inercia, desenvolver relacionamentos sociais, praticar boas leituras e contemplar obras artísticas. A necessidade de ter uma opinião formada sobre tudo, mesmo que de forma rasteira, proporciona divulgação de falsas notícias, as redes sociais são consideradas as vitrines do ego.

Portanto, a maçonaria tem a responsabilidade de apresentar a luz aos fugitivos da caverna, ajudar no aprimoramento moral da sociedade, praticar o bem e a caridade, haja vista que a evolução é obrigatória e constante, pois assim como o princípio da dualidade, evoluir faz parte da lei universal, nesse sentido, o Setentrião é um espaço necessário, mas precisa ser superado através da ampliação do conhecimento e entendimento da realidade.



OS AUTORES

O QUE É HERMETISMO

Ir.: M.: I.: Fábio Costa de Oliveira Neves
A.:R.:L.:S.: FANOEL – 2235 – GOB-PA

MAÇONARIA E FILOSOFIA PITAGÓRICA – O Nº 1

Adaptado do Ir Rui Barbosa
Publicação da Produção da Revista

O DONO LOJA

IR.: M.: I.: Zildo Pacheco de Ávila
A.:R.: L.: S.: Loja Abolição – 100 – GLRS

OS SEGREDOS VELADOS PELO Nº 3 NO GR.: DE A.: M.:

IR.: M.: M.: Álex Mendonça Paiva Antonio José
A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA

A PARÁBOLA DA BICICLETA

IR.: M.: M.: Rafael Murta Araújo
A.:R.: L.: S.: Loja LUZ, VIDA e AMOR – 202 – GOP

O QUE SOMOS E O QUE DESEJAMOS

Ir.: M.: I.: Adelino Lourenço Neto
A.:R.:L.:S.: CAVALEIROS DO ORIENTE – 2568 – GOB-PA

MAÇONARIA, UM MAR REVOLTO

Ir.: M.: M.: Adalberto Rigueira Viana
Disponível em: freemason.pt

O RITO ADONHIRAMITA

Ir.: M.: I.: Hercule Spoladore
Disponível em: Loja de Pesquisas Maçônicas – Londrina – PR - Brasil



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235
FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL
JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ
TV. PADRE EUTÍQUIO, 837

MEU NOME HISTÓRICO: QUINTINO BOCAIUVA

Ir.: M.: M.: José Alves Silva Filho

A.:R.: L.: S.: LUZ E VERDADE – 2608 - GOPE

LANÇAMENTO DO LIVRO – ESTUDOS MAÇÔNICOS I

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA

A DUALIDADE DA VIDA REPRESENTADA ATRAVÉS DA SIMBOLOGIA MAÇÔNICA NO RITO ADONHIRAMITA

Ir.: Mário Sérgio dos Santos Nascimento

A.:R.:L.:S.: AURORA – 0242 – GOB-PA



A.:R.:L.:S.: FANOEL 2235

FEDERADA AO GRANDE ORIENTE DO BRASIL

JURISDICIONADA AO GRANDE ORIENTE DO ESTADO DO PARÁ

TV. PADRE EUTÍQUIO, 837